

A REPRESENTAÇÃO DO CANGAÇO EM CORDEIS DAS DÉCADAS DE 1920 A 1940.

HELENA LOPES SILVA

URCA

helenalopessilva@outlook.com

RESUMO

Com a consolidação do campo de estudos da História Cultural, tornou-se possível explorar a literatura de cordel como fonte histórica, principalmente, para o estudo da cultura popular. Portanto, visamos compreender quais elementos representativos do cangaço, contidos nos textos de dois cordelistas, José Bernardo da Silva e João Martins de Athayde, relacionam-se ou contribuem para a construção de uma identidade nordestina. Os cordéis destes autores retratam momentos específicos da história de Lampião, a saber, sua passagem por Juazeiro do Norte, em 1926, sendo tais cordéis contemporâneos aos fatos retratados. As análises iniciais têm sido férteis, por nos permitir investigar tanto alguns elementos constitutivos da cultura nordestina, quanto os modos pelos quais Lampião foi representado em seu tempo presente.

Palavras-chave: Literatura de cordel; Cangaço; Lampião.

INTRODUÇÃO

O autor Durval Muniz de Albuquerque Junior em seu livro, *A invenção do nordeste e outras artes*, nos apresenta como o que entendemos por Nordeste brasileiro foi sendo construído, através de vários meios, como por exemplo, a imprensa, a literatura, relatos e conceitos de intelectuais nordestinos e não nordestinos e também pelos meios artísticos. Segundo o autor podemos perceber a presença de estereótipos e preconceitos na construção do imaginário social. Portanto, de acordo com o autor, a região Nordeste é algo construído, inventado imageticamente, através de um discurso regionalista no qual a inferioridade do Nordeste aos estados do sul é divulgada e, em sua construção o cangaço é apresentado como uma das influencias e características representante, assim como a seca e a miséria.

“O cangaço vai marcar o Nordeste e o nordestino com o estereótipo da ‘macheza’, da violência, da valentia, ‘do instinto animal’, do assassino em potencial. Motivo de orgulho e de vaidade para os setores tradicionais, notadamente para os camponeses da região, o elogio do cangaço servirá para estigmatizar o homem pobre e vindo do meio rural do Nordeste, especialmente quando chega às grandes cidades do Sul. Estereotipá-los como homens primitivos, bárbaros, alheios à civilização e à civilidade, que, embora fossem homens comuns, escondiam uma fera pronta a se revelar, ‘às vezes nem pareciam gente’. O Nordeste seria a terra do sangue, das arbitrariedades, região da morte gratuita, o reino da bala, do Pabelum e da faca peixeira.”(ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 143 144)

Partindo da ideia do autor de que o nordeste é algo construído imagetivamente e que o Cangaço faz parte da construção de estereótipos de macheza e valentia do nordestino, pretendemos estabelecer uma relação entre, o que era divulgado sobre o cangaço de Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião, através do cordel, e o que ficou enraizado no imaginário social e conseqüentemente cristalizado através da definição do que hoje conhecemos por sendo a representatividade de “cultura nordestina”.

Iremos analisar especificamente o cangaço nas poesias de Literatura de Cordel, por ela ser um escrito típico da região nordestina apresentando as belezas naturais do lugar, mostrando a sua realidade social de sofrimento, fome e miséria, mas também sua fé, alegrias, costumes, suas praticas, lazer e etc. Portanto, este trabalho tem como foco a interpretação da literatura de cordel enquanto fonte histórica, para entender como o Cangaço está apresentado nos versos de José Bernardo da Silva e João Martins de Athayde. Ambos, nordestinos com pouca escolaridade e de origem humilde, como a maioria dos cordelistas no início do século XX, possuem papel importante na popularização do cordel, sendo estes reconhecidos atualmente por estudiosos do referente tema. Como também tem em seus versos interpretações de fatos ocorridos em seu tempo presente.

O CORDEL É: INFORMAÇÃO, FONTE E LITERATURA

O folheto de Cordel é feito em papel pardo e tem tamanho de um livreto de bolso e suas capas são ilustradas com xilogravuras. Para a autora Lucie Safránková o cordel é:

A literatura de cordel é um gênero da literatura popular chamado pela forma como originalmente eram vendidos os livretos – pendurados num barbante ou corda nas feiras, mercados ou praças. E de mesmo modo como aconteceu nas colônias de língua espanhola na América, essa tradição atravessou mares e chegou na bagagem dos colonos portugueses até o Brasil. (SAFRÁNKAVÁ, 2007, p. 04). .

Segundo a autora Rosilene Melo, até a consolidação da imprensa no Brasil os folhetos que circulavam na colônia eram trazidos de Portugal, pois, a publicação de impressos era censurada pela corte portuguesa, e sobre isso a autora fala:

No Brasil, a publicação de impressos somente foi possível a partir de 1808, quando da transferência da Família Real para o Rio de Janeiro e da criação da Imprensa regia (MELO, 2010, p. 58).

Para a autora foi graças ao fim da interdição de impressos e o rápido desenvolvimento no setor da imprensa que surgiram as oportunidades de se estabelecer um pequeno, mas importante, movimento editorial com o surgimento de alguns jornais e tipografias especializadas. Devido ao rápido processo de modernização as máquinas utilizadas para impressão logo ficavam obsoletas, podendo assim ser vendidas por um custo acessível, sobre isso Rosilene Melo diz:

Por esse motivo foi possível a poetas e pequenos vendedores ambulantes de folhetos o acesso a publicação de livros. A edição regular de folhetos, portanto, não foi dada exclusivamente pelo crescente interesse do público, mas também por razões de ordem econômica e técnica que possibilitaram a difusão dos mais diversos gêneros de impressos no Brasil. (MELO 2010, p. 59)

Com relação a sua chegada ao nordeste brasileiro a autora Lucie Safránková em “*A literatura de cordel no Brasil*” diz que o cordel vem na bagagem dos colonos instala-se na Bahia e durante a migração dos nordestinos em busca de melhorias de vida acaba o levando para outras partes do Brasil.

Segundo a autora Márcia Abreu os folhetos portugueses chegam ao nordeste onde já existe outra tradição popular, *as cantorias*, onde neste momento está em fase de definição.

As cantorias nordestinas do século XIX e início do XX eram recitativas acompanhadas por violas ou rabecas, em que cantadores batiam-se em desafios *e/ou* apresentavam composições poéticas – glosas feitas a partir de um mote, descrições da natureza, sátiras, narrativas em versos, etc. (ABREU, 1993, P. 129)

No entanto, o que se faz necessário neste momento é procurar entender o papel do cordel diante das circunstâncias apresentadas ao longo do tempo. A autora Lucie Safránková, defende a ideia de que mesmo a Europa se beneficiar das vantagens da imprensa desde o século XVIII e o Brasil um século mais tarde, o interior do nordeste vivia praticamente isolado com dificuldade ao acesso a informação, o jornal, por exemplo, datado seu surgimento a década de 20 e tido como primeiro meio de comunicação em massa só existia nas capitais e quando chegava ao interior era sempre com atraso devido as dificuldades de transporte, a esse respeito a autora diz:

Desde os fins de séc. XIX no Brasil apareceram vendedores destes livretos que se tornaram verdadeiros profissionais que leram, declamaram, improvisaram ou cantaram seus versos, viajando por fazendas, vilas e cidades pequenas, trazendo as notícias do litoral para o povo que vivia praticamente isolado no sertão e que não podia obter as informações do mundo senão por esta forma. (SAFRÁNKOVÁ, 2007, p.04).

Portanto, diante da fala da autora podemos perceber que o folheto tinha o papel de informar e que o acesso a ele era feito graças aos ambulantes que viajavam em busca de vender- lós. Vale ressaltar também o fato de o folheto ser declamado, lido e improvisado. Vale esclarecer que até a década de 20 ainda se tratava de uma produção eminentemente oral, ou seja, era feita as cantorias.

A partir do final do século XIX, o universo poético das cantorias passa a ser publicado em forma de folhetos, surgindo um intercâmbio entre as apresentações orais e os textos impressos: histórias publicadas em folhetos são decoradas pelos cantadores e passam a ser apresentadas nas sessões de cantorias; composições orais ganham forma impressa (ABREU, 1993 p. 161).

Sabe se que a população brasileira, principalmente a população rural, do final do século XIX e início do XX, era composta em sua grande maioria por analfabetos, sendo assim, a leitura era privilégio para poucos, portanto, cabe aqui nos questionar como esse gênero textual ganhou notória popularidade diante dessa questão do analfabetismo, a explicação para isso é compartilhada por estudiosos do cordel, que revelam que o folheto era feito para ser lido em voz alta, para explicar esse fenômeno, a autora Márcia Abreu diz que “pessoas analfabetas compram folhetos para serem lidos em voz alta por algum conhecido”. (ABREU, 1993, p.162). Outra especificidade do cordel era sua linguagem acessível para o público, ou seja, era de fácil entendimento e continha fatos em que o público- leitor se sentia familiarizado, pois, o poeta escritor pertencia ao mesmo ambiente que seu público. Sobre a relação entre os poetas e os leitores fala a autora Lucie Safránková.

A grande vantagem dos poetas populares era que surgiram do mesmo ambiente como seu público, e por isso entendiam bem quais seus sonhos, desejos e problemas e conseguiam contar as histórias de modo que o povo entendia. Usavam a mesma linguagem e sabiam o que é que o povo queria ouvir. (SAFRÁNKAVÁ, 2007, P. 04).

Portanto, diante deste questionamento buscamos entender as faces do cangaço apresentadas na literatura de cordel das primeiras décadas do século XX, pois podem nos apresentar uma ideia de como esse fenômeno era reconhecido por seus contemporâneos e apresentado a sociedade da época, pois, o fenômeno do Cangaço não só fazia parte da vivência da população nordestina, por isso, era tema frequente nos cordéis, como também, mais tarde ganhou um espaço na representatividade de sua cultura. Com base nisso buscamos compreender como isso foi possível, ou melhor, de que maneira o cordel

possibilitou essa introdução da imagem do cangaço como representação da cultura nordestina e quais são essas representações, ou seja, que elementos são esses, procurando entende-los sob o ponto de vista estético e moral, pois, segundo Durval Muniz, “o cordel fornece uma estrutura narrativa, uma linguagem e um código de valores que são incorporados, em vários momentos, na produção artística e cultural nordestina” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011)

A literatura se constitui numa forma de contar as histórias, de representar lugares de falas, de sentimentos, emoções. Portanto, havendo uma similitude entre elas. A Historiadora Sandra Pesavento destaca acerca da relação entre História e Literatura:

Ambas são formas de explicar o presente, inventar o passado, imaginar o futuro. Vale-se de estratégias retóricas, estetizando em narrativas os fatos dos quais se propõem falar. São ambas formas de representar inquietudes e questões que mobilizam os homens em cada época de sua história e, nesta medida, possuem um público destinatário e leitor. (PESAVENTO, 2005, p. 81)

Ela defende que os historiadores devem se valer deste tipo de fonte, por ela ser rica em representar como eram as sociedades, seus modos de viver, suas crenças, costumes e, apesar de ela apresentar histórias ficcionais, nelas são impressas marcas da época em que foi escrita. Segundo ela:

[...] permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos. Ela representa o real, ela é fonte privilegiada para a leitura do imaginário. (PESAVENTO, 2005, p. 82)

A historiadora Ângela Grilo em “*A arte do povo: histórias na literatura de cordel*” (1900- 1940) defende que o cordel é uma fonte extremamente viável para a História, porque apresenta diversas representações sobre os fatos históricos pela perspectiva dos homens simples, com uma linguagem também muito simples.

Segundo a autora Safránková foram os poetas João Martins de Athayde, Francisco das Chagas Batista e Leandro Gomes de Barros, os pioneiros na escrita de romance originalmente brasileiro, ou seja, já não eram mais derivados do romanceiro tradicional de origem europeia, passaram a refletir a realidade nordestina.

Tornou-se o papel fundamental do poeta popular versar as histórias, fatos, reivindicações, críticas, queixas e aspirações do homem nordestino, quer dizer, de tudo o que o povo pensava. (SAFRÁNKOVÁ, 2007, p. 05).

LAMPIÃO NO CORDEL

Tendo em vista a ideia de *lugar social* defendida por Certeau, o qual afirma que o lugar do autor influencia diretamente na sua escrita, o paraibano João Martins de Athayde que, no entanto, se consagra como cordelista longe de seu Estado, sendo este em Recife, e o alagoano Jose Bernardo da Silva em Juazeiro do Norte, são acima de tudo nordestinos, portanto possuem familiaridade com o tema estudado. Considerando também a popularidade dos folhetos, a diversidade de temas abordados, e o seu papel diante da sociedade do início do século XX, fazemos o seguinte questionamento: De que maneira lampião é apresentado aos leitores e ouvintes em folhetos a sociedade das primeiras décadas do século XX?

A autora Mariane dos Santos, nos alerta a cerca da veracidade do conteúdo dos cordéis com relação a isso ela diz:

Quando nos deparamos com a história de um cordel, uma das indagações feitas é: seria está história real ou apenas uma lenda? Porém é preciso perceber além do que vem a ser ficção ou realidade, pois ainda que a narrativa não tenha ocorrido de alguma forma existe veracidade no que foi relatado, existe o empenho do narrador de fazer uso da sua imaginação para relatar um fato ou mesmo partes dele (SANTOS, 2014, p. 9).

José Bernardo da Silva, no folheto: *combate do defensor da honra com lampião o terror da morte*, escreve:

*Deixemos o rapaz seguindo
Em busca de seu destino
Falemos de Lampião
O capitão Virgulino
Com seu grupo assombroso
O mais cruel assassino*

Neste trecho podemos perceber o reforço da imagem de bandido apresentada pelo autor para representar Lampião através dos termos “assombroso, assassino”. No trecho a seguir o autor o trata “celebre” e também fala um pouco de sua estética.

*A frente da cabroeira
Vinha o celebre Lampião
De barbicacho passado
E parabelum na mão
Trazia quatro bornaia
Repleta de munição
Trazia calça culote*

*Blusa de coque e perneira
Um chapéu agateado
Sendo massa de primeira
Circulando a bandoleira.*

O autor descreve alguns elementos que compõem a figura de lampião como, por exemplo, suas vestimentas, o barbicacho se referindo à tira de couro que passa pelo queixo e prende o chapéu a cabeça, certamente utilizado para evitar que o chapéu caia com o vento, galhos etc. também a bornaia que era utilizada para guardar a munição feita de couro ou tecido e a perneira que proporcionava a proteção das pernas. Esses elementos caracterizam a imagem que mais tarde será reproduzida pelo folclore, mídia se inserindo na representatividade da identidade nordestina e sua cultura.

Nos versos do folheto que descreve a chegada de Lampião em Juazeiro do Norte, o autor José Martins de Athayde conta como Lampião entrou na cidade de Juazeiro acompanhado de cinquenta cangaceiros e como ofereceu seus serviços à legalidade contra os revoltosos, citado pela autora Rosilene Alves de Melo (2010, p. 29). Athayde descreve o cangaceiro com os adjetivos, “leal e companheiro” e fala da admiração do povo de Juazeiro para com lampião:

*Causou admiração
Ao povo de Juazeiro
Quando Lampião entrou
Mansinho como um cordeiro
Com toda sua regência
Que lhe rende obediência
Por ser leal e companheiro.*

*(...) De toda parte chegava
Gente para o Juazeiro
Alguns deles se vestiam
Com as roupas de um romeiro
Quem morava no deserto
Vinha pra ver bem de perto
O famoso cangaceiro*

*(...) Da polícia em Juazeiro
Houve grande oposição
Porque queriam prender
O famoso Lampião
Não puderam conseguir
Porque precisavam ouvir
O padre Cícero Romão.*

Vale salientar sobre a vaidade do nosso personagem e de suas artimanhas para se auto promover e se apresentar a sociedade. “O cangaceiro era alguém que aspirava ao poder e a glória. Seus crimes deviam ser praticados e narrados, queriam ser fotografados e

queriam seus bilhetes atrevidos às autoridades divulgados pelos jornais”. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p. 142). Segundo o autor Albuquerque Junior Lampião queria que folhetos e cantorias cantassem seu nome.

No folheto *lampião em Villa Bella*, o autor João Martins de Athayde apresenta as duas faces de lampião, ao relatar o encontro de um viajante com lampião o autor nos faz entender que teve contato direto com uma testemunha desse fato.

(...) Ao leitor eu vou narrar
Tudo como se passou,
Porque quem viu a tragédia
Veio cá e me contou
Repare com atenção
Ele no fim da questão,
De que forma se salvou.

Neste trecho o autor apresenta o bom e o mal do nosso personagem.

(...) E o pobre viajante
Naquela hora fatal
Temendo que lampião
Desse- lhe um golpe mortal
Pedi com muito cuidado
Ao bandido desgraçado
Para não lhe fazer mal.

Então o bandido fez
De uma forma muito honrosa
Pois dizem que lampião
É uma cobra manhosa
Porem tem bom coração
Porque nessa ocasião
Fez uma ação generosa

No entanto a imagem de generoso e bom amigo do nosso personagem torna se duvidosa a partir desses trechos a seguir.

(...) O viajante que é
Muito boa criatura
Narrou aos jornais daqui
A sua grande aventura
Disse que não faltou- lhe nada
Café, pão e carne assada
Farinha com rapadura.

(...) Então o tal viajante
Teve ahi necessidade
De fazer mil elogios
Embora contra a vontade

Pois nessa situação
Foi assim que Lampião
Deu a sua liberdade.

Albuquerque Junior fala sobre as diferentes visões retratadas sobre os cangaceiros, segundo ele:

Estas inúmeras versões cada crime e cada cangaceiro ajudarão a compor uma figura mítica, complexa, múltipla, cuja identidade dilacerada entre deus e o Diabo será tomada como emblema de uma sociedade que se degenerava e precisava se socorrida por quem de direito (ABUQUERQUE JUNIOR, 2011, p. 143).

Como já mencionamos anteriormente o cangaceiro Lampião procurava promover sua imagem através dos meios de informação disponíveis na época. Como podemos perceber nos versos de Athayde, o próprio Lampião ordenou ao tal viajante que falasse valorizando sua figura em troca de sua liberdade, o que nos faz refletir sobre as influências do próprio cangaceiro sobre o que se contava sobre ele, levando- nos a enverga- ló como ele gostaria de ser apresentado.

Neste mesmo folheto Athayde retrata em seus versos a vida do nordestino e sua condição de miséria, e o descaso das autoridades, dando- nos a entender como sendo justificativas para o banditismo no Nordeste.

(...) Por isso caro leitor
A negra situação
As vezes sacode o homem
No antro da perdição
E nessa luta renhida
Muita gente inveja a vida
Do bandido lampião.

Segundo Luiz da Camara Cascudo em *Vaqueiros e Cantadores*, a valentia do sertanejo era motivo de admiração, no caso dos cangaceiros além da valentia existia também o fator moral que o tornava diferente do bandido comum, pois a função criminosa era acidental, portanto, segundo o autor, raramente percebemos nos versos entusiastas críticas e repreensão à selvageria de suas ações. Sobre isso o autor fala:

Para que a valentia justifique ainda melhor a aura popular na poética preciso a existência do fator moral. Todos os cangaceiros são dados inicialmente como vítimas da injustiça. Seus pais foram mortos e a justiça não puniu os responsáveis. A não existência desse elemento arreda da popularidade o nome do valente. Seria um criminoso sem simpatia. (CASCUDO, 1984, p. 161).

Diante da fala do autor podemos refletir de que maneira a poesia contribuiu para tecer a dualidade da imagem de herói e bandido dos cangaceiros, pois além de contar seus feitos de crueldade e banditismo, também retrata sua valentia, imponência, generosidade e os supostos motivos que os levaram para a vida do crime.

CONCLUSÃO

O desenvolvimento do presente artigo possibilitou uma análise de como o cangaceiro Lampião e seu bando se apresentavam em verso de cordel dos autores João Martins de Athayde e Jose Bernardo da Silva, permitindo também uma reflexão acerca dos elementos estéticos e morais que compõem a imagem de Lampião que os representa no imaginário social.

Foi possível perceber que Lampião está representado de diferentes formas, pois, ora descrito como bandido assassino ora como valente e causador de admiração nas pessoas, generoso, e celebre. Percebemos que os cordéis das primeiras décadas do século XX já retratam a ambiguidade de sua figura, pois, o mesmo folheto pode apresentar o bem e o mal do nosso personagem, como por exemplo, no cordel anteriormente mencionado *Lampião em Villa Bella*, em que nosso personagem é apresentado com o termo bandido desgraçado e ao mesmo tempo fala de seu bom coração. Neste artigo também houve a possibilidade de análise com relação o cordel foi utilizado pelo próprio lampião para falar de mesmo.

Portanto, diante da questão que se faz presente neste artigo que consiste em procurar perceber a imagem de lampião no cordel e os elementos do cangaço que fazem parte da cultura do Nordeste. Podemos concluir que o cordel foi um veículo importante pelo qual foi possível divulgar a imagem de lampião e seu bando, com riquezas de detalhes, numa linguagem compreensível. E que a cultura nordestina sob o ponto de vista de representar o nordestino se valeu de características atribuídas aos cangaceiros, ou seja, seu valor moral de valentia e honra como também de seus elementos estéticos.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Márcia Azevedo de. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado das Letras. 1999.

ABREU, Márcia Azevedo de. **Cordel português/ folhetos nordestinos: confronto um estudo histórico- comparativo.** Campinas, UNICAMP, 1993.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes.** São Paulo: Cortez, 2011.

CERTEAU, Michel de. A operação Histórica. In: **A escrita da História.** Editora Forense Universitária, 2002.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. **A Arte do Povo: Histórias na literatura de cordel (1900-1940).** Tese de doutorado em História social – UFF-RJ. Niterói. 2005.

HATA, Luli. **O cordel das feiras às galerias.** Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de campinas, 1999.

MELO Rosilene Alves de. **Arcanos do verso: trajetórias da literatura de cordel.** Rio de Janeiro: 7letras, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural.** Belo Horizonte: Autentica 2005

REIS, José Carlos. **Escola dos Annales: A inovação em História.** São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SAFRÁNKAVÁ, Lucie, **A literatura de cordel no Brasil.** 2007.

SANTOS, Mariane Nascimento dos, **As representações do nordeste e dos nordestinos na literatura de cordel,** Sergipe, 2014.

ACERVOS

Acervo de Cordel - SESC, Juazeiro do Norte.

Memorial Padre Cícero, Juazeiro do Norte.

FOLHETOS

ATHAYDE, João Martins de.

-Lampião em Villa bella.

SILVA, José Bernardo da Silva.

-Combate do defensor da honro com lampião o terror da morte.

-Lampião na Bahia.

-A morte de lampião.